

RESUMO

PATRICIO BATSIKAMA MAMAPUYA CIPRIANO: Nação, nacionalidade e nacionalismo em Angola

(Sob orientação do Prof. Doutor Álvaro Campelo)

Concebida pela elite cultural política, a angolanidade evoluiu no tempo, no espaço, e até hoje ainda tem o espectro plural dos propósitos de uma Angola inclusiva.

Angolanidade apriorística, angolanidade rizomática e angolanidade aposteriorística, todas podem ser olhadas em duas vertentes: (i) culturalmente. Constrói-se e herda-se a cultura; o ‘cross-culture’ através de diálogo cultural e da competição das propostas culturais. (ii) politicamente. A democratização – que é a *démarche* metodológica para alcançar o Estado-nação – é um processo contínuo, faseado e de difícil digestão social.

O nacionalismo que forjou Angola em 1975 apresentou este país como um conjunto de vários Estados, proclamados pela FNLA, pelo MPLA e pela UNITA. Em 1992, começa o processo de normalização democrática, e serão realizadas três eleições, em 1992, 2008 e em 2012. Trata-se do período de reconhecimento.

A nacionalidade angolana é, na verdade, o conjunto de ‘concepções’ que vários grupos societários angolanos, por um lado, definem seus modos de ‘pertença’. E, por outro, a noção jurídica importada de ‘ocidente’, que instala a nova dimensão de se ‘pertencer a um país/Estado’. Durante todo o processo do protonacionalismo, as angolanidades (aposteriorística, rizomática e angolanidade) idealizaram os critérios de ‘Ser angolano’, partindo de uma diversidade, quanto à sua juridicidade.

As ‘nações patrimoniais’, que precederam o projecto de Angola, ainda permaneceram enquanto ‘grupos socioculturais’ detentores de ‘terras históricas’: Ambundu, Còkwe, Kòngo, !Kung, Lúnda, Umbundu, etc. O diálogo destas ‘terras históricas’ na integridade territorial de Angola resulta no diálogo permanente entre as instituições que suportam e validam estas ‘nações patrimoniais’, assim como o Estado angolano. Tal diálogo congrega as partes, consolida um Estado-nação angolano inclusivo e proporciona as bases do desenvolvimento humano, dentro da justiça social.

Keywords: Angolanidade, nação, nacionalidade, nacionalismo, Angola

ABSTRACT

PATRÍCIO BATSÍKAMA MAMPUYA CIPRIANO: Nation, Nationality and
Nationalism in Angola
(Under Orientation of Prof. Ph.D. Álvaro Campelo)

Conceived by Cultural and Politic Elite, the Angolanity (Angolaness) grew up during several times and around the spaces and, today, it has plural spectral of inclusive Angolan Country.

There are Aprioristic angolanity; rizomatic Angolanity and Aposterioristic Angolanity which can be appreciated by two ways: (i) culturally. Culture is constructed and, in the same way, legacy from the past; the 'cross-culture' by cultural dialog and the competition of cultural propositions. (ii) Politically. The democratization – as a methodological *démarche* to aim State-nation – is a continuing process, stepped and with long social digestion.

The nationalism forged Angola country in 1975 as Land of several States proclaimed by FNLA, MPLA and UNITA. In 1992, the New Era opened the normalization and is characterized by two regular and continuous elections (1992, 2008; 2012): period of recognition.

The Angolan nationality is the congregation of 'conceptions' that several Angolan Social groups sustain, in one side, the ways of the 'belonging'. In the other side, the juridical notion imported from Occident installs a new way of 'belonging to the country/State'. During the process of proto-nationalism, these angolanities (aposterioristic, rizomatic and aprioristic) idealized the criterias of 'To be Angolan citizen', accepting the diversity of its Juridicy.

The 'patrimonial nations' come before the draft of Angolan nation and sitll are 'sociocultural groups' holders of different 'Historic Land/sites': Ambûndu, Còkwe, Kòngo, !Kung, Lûnda, Umbûndu, etc. The Dialogue of these 'Historic Land/Sites' in territorial integrity of Angola is the result of the permanent dialogue between the institutions that support these 'nations heritage' as Angolan State. This dialogue brings together all parts, make stretch and inclusive the Angolan State-nation's Project and guarantees the bases of Human growth in Social justice.

Keywords: Angolanity, Nation, Nacionality, Nacionalism, Angola

RÉSUMÉ:

PATRÍCIO BATSÍKAMA MAMPUYA CIPRIANO: nation, nationalité et nationalisme en Angola

(Sous l'orientation du Prof. Docteur Álvaro Campelo)

Conçue par l'élite culturelle politique, l'angolanité évolue dans le temps, dans l'espace et jusqu'alors a encore un spectre pluriel des propositions d'une Angola inclusive.

L'Angolanité aprioristique, l'angolanité rizomatique et l'angolanité aprioristique peuvent être vues dans deux voies: (i) culturellement. La Culture se construit aussi bien qu'elle est un héritage; le "cross-culture" moyennant le dialogue culturel et la compétition des propositions culturelles. (ii) Politiquement. La démocratisation – étant la démarche méthodologique pour atteindre l'État-nation – est un procès continu, en phase et de digestion sociale difficile.

Le nationalisme qui forgea l'Angola en 1975 présenta ce pays comme étant un ensemble de plusieurs États proclamé, tour-à-tour et dans des lieux différents, par FNLA, MPLA et UNITA. En 1992, la normalisation démocratique débuta, et trois élections seront réalisées en 1992, en 2008 et en 2012: période de reconnaissance.

La nationalité angolaise est, à vrai dire, un ensemble de 'conceptions', lesquelles plusieurs groupes sociétaux angolais, d'un côté définissent leurs façons de 'appartenance'. De l'autre côté, la notion juridique importée de l'Occident installa la nouvelle dimension de 'appartenir à un pays/État'. Durant tout le procès du proto-nationalisme, les angolanités (aposterioristique, rizomatique et angolanité) ont idéalisé les critères d'Être Angolais', partant d'une diversité quant à sa juridicité.

Les 'nations patrimoniales' qui précèdent le Projet de l'Angola sont encore, étant « groupes socioculturels » détenteurs de 'terres historiques': Ambundu, Còkwe, Kòngo, !Kung, Lûnda, Umbundu, etc. Le dialogue de ces 'terres historiques' dans l'intégrité territoriale de l'Angola résulte dans le dialogue permanent entre les institutions qui supportent et valident ces 'nations patrimoniales' ainsi comme l'État angolais. Tel dialogue rassemble les parties, consolide un État-nation angolais inclusif et proportionne les bases du développement humain dans la justice sociale.

Keywords: Angolanité, nation, nationalité, nationalisme, Angola

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos

In Memoriam de:

Mampuya ma Batsíkama Cyprien
Ernestina Bumpûtu Mampuya “Tina”
Percy Kyangebani Mampuya

AGRADECIMENTOS

Não há êxito sem prévio apoio. Seria injusto e imoral não reagir perante a generosidade de que fomos beneficiários, para tornar este trabalho possível.

Em primeiro lugar devemos agradecer ao nosso avô Vatûnga Miguel e a nossa avó Molley Julieta Nsâmbu, por ter posto fundamentos sólidos na nossa educação, já a partir de casa.

Em segundo lugar, vem o nosso pai e amigo Cyprien Mampuya Batsíkama. Escolheu bons colégios para a nossa formação. Uma vez fomos ‘injustamente’ castigados na escola por um padre e ele nos disse: “*o castigo é uma excelente aula de vida, e opta sempre pelo caminho correcto ...*”. Este ensinamento foi um verdadeiro antídoto durante todo o tempo que sofremos da exclusão na nossa vida, no nosso país e fora dele. Que receba aqui os agradecimentos póstumos de um filho que ele tanto amou!

A publicação dos nossos resultados sobre *Origens do reino do Kôngo* jogaram, nesta investigação, um papel importante. Desde já agradecemos imensamente o Dr. Paixão Júnior – em nome da instituição que dirige (Banco de Poupança e Crédito) – por ter permitido o patrocínio exclusivo para publicar os resultados das nossas pesquisas. As digressões efectuadas levaram-nos a revisitar e melhor conhecer, ainda mais profundamente, as populações angolanas, objecto deste estudo. As deslocações nas províncias angolanas permitiram-nos fazer uma espécie de ‘turismo científico’, ocasional. As receitas destas publicações, de modo igual, oxigenaram os nossos orçamentos de pesquisa.

Devemos agradecer dois professores *emeritus* norte-americanos. Começamos por citar o professor Jerry Gerald Bender. Ele fez-nos perceber a anatomia social das cidades de Angola, da elite angolana e as consequências da colonização portuguesa em Angola e em Moçambique. A seguir citamos John Marcum. Na tentativa de traduzir os seus livros, que estereotiparam o “nacionalismo angolano”, apercebemo-nos de duas coisas: (i) as relações entre as populações e seus líderes; (ii) a existência (durante a luta para libertação) de diferentes projectos sobre Angola enquanto Estado-nação. Ele não

hesitou em resolver-nos dúvidas durante a investigação e a tomarmos algumas atitudes correctivas nas nossas hesitações.

Ao professor Dr. André Sango, importa sublinhar dois aspectos: (i) por ter-nos esclarecido alguns pontos da sua Tese de Doutoramento; (ii) por ter-nos manifestamente sugerido alguns pontos por desenvolver. O professor Jean-Michel Mabeko Tali foi-nos recomendado por G. Bender. Os seus conselhos nas nossas pesquisas estimularam-nos a ter um olhar crítico sobre os primeiros resultados a que chegávamos. Do modo igual, Luis Kandjimbu foi amigavelmente bom conselheiro. Por ser um dos primeiros estudiosos de angolanidade, nos anos 1985/1989, sentimo-nos obrigados a ouvir os seus conselhos. Devemos agradecer, também, o professor Doutor Victor Kajibanga, um dos estudiosos sobre angolanidade e, da obra de Mario Pinto de Andrade, as suas reflexões, que são fundamentais para o tema. Ele disponibilizou-nos seus artigos para melhorar o nosso discurso. À prof. Dra. Luzia Milagres, expressamos aqui a nossa sincera consideração, pela confiança e retidão.

Os nossos sinceros agradecimentos vão para o nosso amigo Fuakenda Odi Pascoal – “Papa Odi”, um grande profissional do jornalismo angolano – a quem expressamos aqui os nossos sentimentos de fraternidade, pela amizade e cumplicidade. Não podemos aqui esquecer de mencionar a ‘mana’ Margarida Nguida-Paulo e o artista Etona a quem exprimamos um grande apreço.

Importa mencionar o professor Doutor Álvaro Campelo. Reconhecemos nele três qualidades: (i) amizade e paciência. Durante o Erasmus na Hungria/2013, ele mostrou uma solidariedade extrema com os demais colegas, que nunca mais vimos na Europa; (ii) profissionalismo: as suas incansáveis releituras metodológicas, correções ortográficas e tomada de atitude corretiva perante as nossas acepções fizeram-nos amadurecer na pesquisa individual; (iii) amplo conhecimento, capacidade metodológica e humildade. Nas suas sugestões ele instigou-nos a explorar o nosso potencial e estampar o nosso saber de forma crítica.

Lista das abreviações

a.C: Antes do Cristo
ABAKO: Association de Bakôngo
ACTAR: Aliança dos Tshokwe de Angola, Congo e Rodésia
A.F.M.S.: Arquivo da Fundação Mario Soares
AHN: Arquivo Histórico Nacional – Luanda
ALIAMA: Aliança dos Maiombes
ALIAZO: Alliance des Ressortissants de Zombo
AMNGOLA: Associação dos Amigos de Angola
ANC: African National Congress
AOEC: Association des Originaires de l’Enclave de Cabinda
AREC: Association des Ressortissant de l’Enclave de Cabinda
ASLESTE: Associação dos Naturais e Amigos de Leste (de Angola)
ASSOMIZO: Association Mutuelle de Ressortissants de Zombo
BMS: British Missionary Society
BSAC (BSACo): British South African Company
CASA-CE: Convergência Ampla de Salvação de Angola – Coligação Eleitoral
CAUNC, Comissão da Acção da União Nacional dos Cabindas
CEA: Centro de Estudos Africanos
CEKK: Centro de Estudos Kapesi Kafundanga
CFB: Caminho de Ferro de Benguela
CIA: Central Intelligence Agency
CPLP: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
CRC: Comité Revolucionário de Cabinda
CVAAR: Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados
DISA: Departamento de Informação e Segurança de Angola
ELA: Exército de Libertação de Angola
ELNA: Exército de Libertação Nacional de Angola
EPLA: Exército Popular de Libertação de Angola (MPLA)
E.U.A: Estados Unidos de América
FAPLA: Forças Armadas Populares de Libertação de Angola
FCS: Faculdade de Ciências Sociais (da Universidade Agostinho Neto)
FDLA: Frente Democrática de Libertação de Angola
FLC- Frente de Libertação de Cabinda
FLAC – Frente para Libertação de Angola e Cabinda
FLEC: Frente de Libertação do Enclave de Cabinda
FLNCA: Frente para Libertação Nacional de Cabinda.
FNLA: Frente Nacional para Libertação de Angola
FRELIMO: Frente de Libertação de Moçambique
FRETILIN: Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente
FUA: Frente da Unidade Angolana

FUJA: Frente Unida da Juventude de Angola
FULA: Frente Unida para Libertação de Angola
GRAE: Governo Revolucionário de Angola no Exílio
GRECIMA (GRECIA): Gabinete de Revitalização e Execução da Comunicação Institucional e Marketing da Administração
GURN: Governo da Unidade e da Reconciliação Nacional
HGA: História Geral da África
IAN/TT: Instituto de Arquivos Nacionais/Torre de Tombo
I.E.B.A: Igreja Evangélica e Baptista de Angola
I.I.C.A: Instituto de Investigação Científica em Angola
IMETRO: Instituto Superior Politécnico Metropolitano de Angola (era UMETRO: Universidade Metropolitana de Angola)
I.N.F.A.: Instituto Nacional de Formação Artística
I.N.F.A.C.: Instituto Nacional de Formação Artística e Culturais
ISPOC: Instituto Superior Politécnico de Cazenga
JMPLA: Juventude do MPLA
LGTA: Liga Geral dos Trabalhadores de Angola
M.R.: Movimento Revolucionária
MAC: Movimento Anti-Colonialista
MCS: Ministério da Comunicação Social
MDIA: Movimento de Defesa dos Interesses de Angola
MFA: Movimento das Forças Armadas (que realizaram a Revolução dos Cravos)
MIA: Movimento para Independência de Angola
MINA: Movimento para Independência de Angola
MiniCult: Ministério da Cultura de Angola
MIPLA: Movimento Interno Popular de Libertação de Angola
MINE: Ministério dos Negócios Estrangeiros
MLA: Movimento de Libertação Nacional
MLEC: Movimento de Libertação do Enclave de Cabinda
MMD: Movimento of Multi-Party Democracy
MPLA: Movimento Popular de Libertação de Angola
MPR: Mouvement Populaire de la Révolution (Movimento da Revolução Popular da Revolução)
MLSTP-PSD: Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe – *Partido Social Democrata*
MUD: Movimento de Unidade Democrática
MUDJ: Movimento de Unidade Democrática Juvenil
NAPDO: Namibian African People's Democratic Organization
NATO: Organização do Tratado do Atlântico Norte
ND: Nova Democracia
NGWIZAKO: Ngwízani ya Kôngo
NTOBAKO: Nto'a Bakôngo
OCM: Organização Comunista de Angola
ONU: organização das Nações Unidas
OPC: Ovamboland People's Congress
OPO: Ovamboland People's Organization
OSA: Organização Socialista de Angola
OUA: Organização da Unidade Africana
PAJOCA: Partido da Aliança Juventude, Operários e Camponeses
PCA: Partido Comunista Angolano

PCP: Partido Comunista Português
PCT: Parti Congolais du Travail
PDA: Partido Democrático de Angola
PDP-ANA: Partido Democrático para Progresso da Aliança Nacional Angolana
PIDE/DGS: Policia Internacional de Defesa do Estado/Direcção Geral de Segurança
PLUAA: Partido da Luta Unida dos Africanos de Angola
PNDA: Partido Nacional Democrático de Angola
PRD: Partido Renovador Democrático
PRS: Partido de Renovação Social
R.D.C.: República Democrática do Congo
RDP: Rally for Democracy and Progress
SCCIA: Serviço de Centralização e Coordenação de Informação de Angola
SIAC: Serviço Integrado de Atendimento ao Cidadão
SWAPO: South West African People's Organization
UA: União Africana
UAN : Universidade Agostinho Neto
UDDIA: Union Démocratique pour la Défense des Intérêts Africains
UNIP : Unite National Independence Party
UNITA: União Nacional para Independência Total de Angola
UPA: União das Populações do Norte de Angola
UPNA: União das Populações do Norte de Angola
U.R.S.S.: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Índice

Introdução	1
0.1. Objectivos	12
0.2. Estrutura da Tese.....	12
Iª PARTE	18
Capítulo I: DISCUSSÃO TEÓRICA	19
Introdução	19
I. Etnia, nação e democracia: teorias sobre Estado-nação	19
1) Etnia, Demos, Laos	22
2) Democracia, nação e Estado-nação	25
a) Democracia	25
b) Nação	29
3) Estado-nação	35
a) Staatsnation.....	35
b) Kulturnation	43
II. Nacionalidade, Cidadania e Identidade nacional	47
1) Nacionalidade	48
2) Cidadania	50
3) Identidade nacional	52
III. Proto-nacionalismo e nacionalismo.....	58
1) Proto-nacionalismo	58
2) Nacionalismo	61
Capítulo II: ESTADO-NAÇÃO, NACIONALIDADE E NACIONALISMO	74
I. Em África	74
Introdução	74
Poder em África	76
Estado-nação	80
1) Do Congo belga ao Congo Democrático	81
a) Geografia do proto-nacionalismo congolês	82
b) Nacionalismo congolês e o Pós-independência ...	86
c) Estado-nação congolês	87

2) Congo Brazzaville	89
a) Mapa populacional	89
b) Golpes de Estado como “regra sucessoral”	89
c) Estado-nação na Era da democratização de África	92
3) Namíbia	93
a) Distribuição étnica.....	93
b) Em busca da Independência.....	96
c) Kulturnation: em busca de “NationStaats”.....	97
4) Zâmbia.....	103
a) Etnia e “breve” História da Zâmbia	104
b) Independência e suas implicações	106
c) Kulturnation e línguas oficiais.....	107
d) Staatsnation e democracia na Zambia	108
II. Em Angola	112
1) Estado-nação: teorias	112
a) Versão de Victor Kajibanga	112
b) Versão de Paulo de Carvalho	116
c) Versão de Ruy Duarte de Carvalho	117
d) Versão de Arlindo Barbeitos	122
2) Democracia: Staatnation	126
a) Visão do Governo	126
b) Visão da Oposição política	130
c) Considerações	134
IIª PARTE	137
Capítulo I: PROBLEMÁTICA E METODOLOGIA	138
I. Generalidades	138
II. Acerca da pergunta inicial	144
1) Em busca da resposta	145
2) Será possível reduzir Angola em Luanda	146
3) Recolha de campo	165
a) Idade e sexo	165
b) Habilitações literária e sexo	166
c) Profissão e sexo.....	167
d) Naturalidade	167
e) Residência e sexo	169
f) Religião e sexo	169
4) Compreensão preliminares dos resultados	170

a) Nação	171
b) Nacionalidade	173
c) Nacionalismo.....	175
Capítulo II: GRUPOS SOCIETÁRIOS ANGOLANOS E SUA HISTÓRIA ...	191
I. Breve História dos Grupos societários angolanos	191
1) Kôngo	191
a) Fundação do reino do Kôngo	191
b) Relações Kôngo e Portugal/Europa	193
2) Ambûndu	199
a) Fundação do Ndôngo e Matâmba	199
b) Ñjîng'a Mbândi e Resistência	201
3) Lûnda e Cômke	208
a) Fundação	209
b) Cômke na dissidência do Império Lûnda	210
c) Revoltas de no Leste de Angola	211
4) Reinos dos Umbûndu	212
a) Fundação dos Reinos e seu mapeamento	212
b) Revoltas no Sul de Angola	220
5) !Kung	222
a) Distribuição geográfica	221
II. Sociedades angolanas e nacionalidade	225
1) Estrutura social angolana: suas origens e dinâmicas	225
a) Ambûndu	227
b) Lûnda e os Cômke	233
c) !Kung.....	237
d) Kôngo.....	235
e) Umbûndu	241
2) Sociedades angolanas na colonização e pós-independência	246
a) Português	246
i. Reinois	247
ii. Indígenas.....	248
b) Nacionalidade nas sociedades patrimoniais angolanas	251
c) Questão nocional discrepante	255
d) Terra como suporte da nacionalidade	261
Capítulo III: CONSTRUÇÃO DE ESTADO-NAÇÃO EM ANGOLA	266
I. Staatsnation	266
a) Poder em Angola	267
a. 1. Durante a Colonização	270
a. 2. Primeira República e a sua Rebelião.....	272
a. 3. Primeira Fase da Segunda República	275

a. 4. Segunda Fase da Segunda República	280
b) Kulturanation	281
c) Staatsnation	293
II. Kulturation	310
a. Literatura angolana	310
b. Artes Plásticas angolanas	313
c. Pseudo-monólogos artísticos	314
d. Diálogo estéticos	315
e. Simpósio sobre a Cultura Nacional	317
III. Nacionalismo angolano	322
1) Definição e lexicógrafos	325
2) Ao longo do tempo	339
3) Teorizando	332
4) Identidade nacional e nacionalismo	336
5) Tese de John Marcum	344
6) Tese de Fernando Pimenta	349
7) Nacionalismo cristão e pagão	352
a) Tese de Benedict Schubert	352
b) Nacionalismo cristão	355
c) Nacionalismo pagão	358
d) Nacionalismo sincrético	359
Capítulo IV: ANGOLANIDADE	364
I. Luso-tropicalismo em Angola	367
a) Expansão do luso-tropicalismo	368
b) Representações gerais do Luso-tropicalismo freyreano	368
c) Representações de “Eu”, “Não-Eu” e “Outro”	370
d) Luso-tropicalismo em Angola	373
II. Angolanidade Apriorística	384
III. Angolanidade rizomática/angolanitude.....	393
IV. Angolanidade aposteriorística	409
CONCLUSÃO	431
ANEXOS	437
Discursos dos líderes	439
Discurso sobre ‘Estado-nação’	460

Debate no Facebook	486
Opiniões de especialistas	494
Tratados	504
Documentos	539
BIBLIOGRAFIA	551